

O pessimismo se alastrá na economia. O governo prefere culpar o Congresso.

O governo sabe quais as medidas que deve tomar para combater a inflação e resolver o problema do equilíbrio fiscal, está disposto a tomá-las, mas sabe também que não teria a menor possibilidade de vê-las aprovadas no Congresso. A afirmação é do líder do governo na Câmara, deputado Luís Roberto Ponte (PMDB-RS), ao rebater as acusações de que o governo está omisso quanto às medidas antiinflacionárias.

Segundo suas explicações, o governo não tem espaço político. Por isso, prefere continuar adotando apenas medidas de controle da inflação, embora em níveis elevados. O deputado não acredita que essa atitude possa levar o País à hiperinflação. Ele está convencido de ter o País todas as condições para não sofrer grave crise de abastecimento e desemprego, que seriam as consequências mais danosas.

Luís Roberto Ponte mostra-se cético quanto à receptividade que um plano de austerdade do governo teria no Congresso devido ao momento político, pouco propício para sacrifícios por parte dos partidos e candidatos à sucessão presidencial. "Todos estão de acordo quanto a um mínimo de medidas que precisam ser tomadas. Mas como são medidas em geral amargas, nessa hora poucos estariam dispostos a aceitá-las publicamente", afirmou o deputado gaúcho.

Enquanto o governo hesita sobre o que fazer, o pessimismo toma conta de todos os setores. Ontem, em Porto Alegre, o reitor da Universidade de Campinas, Paulo Renato Souza, disse que por inércia do governo o País caminha rapidamente para o processo de hiperinflação já em agosto ou setembro. Na sua avaliação, o governo está sinalizando para julho uma inflação de 40%, "um patamar extremamente perigoso". Paulo Renato acha

que uma das maneiras de frear a espiral inflacionária seria "uma mudança no Ministério da Fazenda". A alteração ministerial, segundo ele, "já reduziria a inflação nos próximos dois meses".

A Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul calcula que a produção industrial brasileira caiu 6% no primeiro semestre do ano em comparação a igual período do ano passado. O presidente da entidade, Luiz Carlos Mandelli, criticou ontem a política cambial, que considerou irreal e responsável por uma queda de 3,1% na balança comercial no primeiro semestre.

Pessimista com o futuro da economia, Mandelli está convencido de que a inflação chegará ao descontrole em pouco tempo. Ele não quis prever quando o País chegará à hiperinflação, mas entende que o empresariado deve fazer um esforço sem precedente para buscar um acordo nacional e evitar o pior.

No Rio, o diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Walter Sacca, disse ontem, em palestra na Escola Superior de Guerra, que a rentabilidade média das indústrias paulistas caiu para 5% no ano passado, contra a média de 8% durante a década de 80. Os dados, porém, não são definitivos e se referem a apenas 180 das 800 indústrias pesquisadas pela Fiesp, mas o indicador não é dos melhores porque é inferior até mesmo ao rendimento das cadernetas de poupança.

Para 1989, Walter Sacca disse que não há nada que justifique um comportamento mais otimista, "porque o ano já começou mal, com o congelamento de preços". Ele responsabilizou o fraco desempenho do setor às incertezas da política econômica do governo.